

Tragédia de Vladimir Mayakovski (1913)

Um espectáculo – exercício para os alunos do terceiro ano.

Mayakovsky foi o Poeta da Revolução e também um poeta revolucionário. Para além dos seus contributos inovadores na poesia, o seu trabalho inscreveu-se nas mais diversas áreas: da poesia ao teatro, passando pela pintura e pelo desenho, pelo cinema e pelas mais diversas formas de agit-prop com que foi marcando o percurso do seu activismo político.

O que hoje vamos ouvir e ver é uma peça anterior à revolução. Esta Tragédia, que esteve para se chamar A Revolta dos Objectos ou ainda A Estrada de Ferro e que acabou por fixar o seu título no encontro com os funcionários da censura czarista, é, de um certo modo, uma continuação do gesto provocador de Uma Bofetada No Gosto do Público (1912 com Burliuk e Klebnikov).

Nesta peça o jovem autor vai bem mais longe: não é apenas uma peça em que se rompe com convenções, em que o autor fala a partir dessa sua condição e se desdobra em múltiplas versões de si mesmo, é uma peça que discorre sobre a condição trágico-cómica do que resta do “artista romântico” num mundo de máquinas e de objectos malcomportados...

O poeta Mayakovski tinha, quando a peça estreou, mais ou menos a mesma idade dos actores e atrizes que dão o corpo a este manifesto. É uma obra de juventude, feita para jovens de inquietudes diversas.

Para pôr em cena este espectáculo-exercício partimos do que tínhamos: um texto, um espaço, corpos em acção, objectos encontrados, algum tempo para este encontro e claro, o desejo de fazer. Manipulados pela desassossegada energia criativa deste autor-génio-lâmpada-eléctrica-e-tudo, chegámos ao lugar de uma *extravagância espartana* que busca um teatro/instalação para lá do simulacro, que se alimenta do jogo da imaginação em acção, que usa o que está à mão numa linguagem para a cena que é prosaica, divertida ao mesmo tempo atenta à potência do que é dito e não dito. É, para além de tudo isto, um texto que não pode deixar de fazer pensar cada um destes jovens artistas-em-formação sobre o que os move, nessa condição de ser hoje o vir-a-ser.

...

Vladimir Mayakovski é um daqueles autores de que, pelo menos no nosso país, se foi deixando de ouvir falar. Entre os que se acomodaram no desconforto com a figura do poeta oficial(izado) da União Soviética de Stalin, os que preferiram não lidar com a crítica desassombrada que as suas peças souberam fazer ao período pós revolucionário e às suas contradições e todos os outros que se esqueceram de conhecer (ou de dar a conhecer), estamos perante um caso curioso de silenciamento de um autor absolutamente fundamental para a arte do século XX, XXI... XXXII.

Possa este ser um pequeno contributo para que o futuro seja diferente.

Igor Gandra, janeiro de 2020

I FICHA TÉCNICA I

Direção Artística, Encenação e Dramaturgia

Igor Gandra

Cenografia, Figurinos e Adereços

Igor Gandra, Luís Santos e alunos

Produção

Igor Gandra e alunos

Desenho de Luz

Igor Gandra

Ambientes Sonoros

Igor Gandra, Ana Dias e Gonçalo Ribeiro

Edição Gráfica

Afonso Sousa e Ricardo Dias

Folha de Sala

Flávio Goulart

Frente de Sala

Joana Oliveira

Apoio de Cenografia

Luís Santos

Apoio de Corpo e Movimento

Beatriz Cantinho

Apoio de Voz

Marcos Santos

Interpretação

Ana Dias, Ana Lúcia, António Machado, Beatriz
Roxo, Daniela Gomes, Flávio Goulart, Gonçalo
Ribeiro, Inês Alves, Isabel Vale, Mariana Baeta,
Patrícia Bento, Ricardo Dias, Sofia Carvalheira

TRAGÉDIA DE VLADIMIR MAYAKOVSKI

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÉNICAS